

Problemas fundamentais da memética: à busca de uma epistemologia da cultura

Fernando Lionel Quirogaⁱ

Marcela Fernandes Cappele Vasconcelosⁱⁱ

Resumo

A memética de Dawkins, em *O Gene Egoísta* (1976), sugere que a cultura se transmite por memes adaptativos, mas enfrenta desafios epistemológicos e metodológicos, sobretudo quanto ao papel do sujeito. O objetivo consiste em criticar os pressupostos meméticos, abordando a transmissão cultural e a complexidade dos memes. O referencial teórico avança no debate com Christoph Türcke, ao vincular a cultura à “compulsão à repetição”, e com Bernard Lahire, ao criticar a visão mecânica da transmissão. A metodologia baseia-se na análise crítica da literatura memética. Como síntese, propõe-se uma fundamentação rigorosa sobre o papel ativo dos indivíduos na transmissão cultural.

Palavras-chave: transmissão cultural; epistemologia; memes; papel do sujeito.

Fundamental problems of memetics: in search of an epistemology of culture

Abstract

Dawkins's memetics, in *The Selfish Gene* (1976), suggests that culture is transmitted through adaptive memes, but it faces epistemological and methodological challenges, especially regarding the role of the subject. The objective is to critique memetic assumptions by addressing cultural transmission and the complexity of memes. The theoretical framework advances the debate through Christoph Türcke, by linking culture to the “compulsion to repeat,” and Bernard Lahire, by criticizing a mechanical view of transmission. The methodology is based on a critical analysis of the memetics literature. As a synthesis, a rigorous foundation is proposed concerning the active role of individuals in cultural transmission.

Keywords: cultural transmission; epistemology; memes; role of the subject.

Problemas fundamentales de la memética: en busca de una epistemología de la cultura

Resumen

La memética de Dawkins, en *El gen egoísta* (1976), sugiere que la cultura se transmite mediante memes adaptativos, pero enfrenta desafíos epistemológicos y metodológicos, sobre todo en lo relativo al papel del sujeto. El objetivo consiste en criticar los supuestos meméticos, abordando la transmisión cultural y la complejidad de los memes. El marco teórico avanza en

ⁱ Doutor em Ciências: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP). Professor da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagens e Tecnologias – PPG/IELT/UEG. E-mail: fernando.quiroga@ueg.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4172-2002>.

ⁱⁱ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (PPGIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: marcelacappele@gmail.com - ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-2809-0138>.

el debate con Christoph Türcke, al vincular la cultura con la “compulsión a la repetición”, y con Bernard Lahire, al criticar la visión mecánica de la transmisión. La metodología se basa en el análisis crítico de la literatura memética. Como síntesis, se propone una fundamentación rigurosa sobre el papel activo de los individuos en la transmisión cultural.

Palabras clave: *transmisión cultural; epistemología; memes; papel del sujeto.*

1 INTRODUÇÃO

A imitação proposital de forças naturais, que não falta em nenhuma cultura arcaica, é uma compulsão à repetição aperfeiçoada até se transformar em técnica de dominação. A chuva imitada deve cair, o leão imitado deve perder sua força ameaçadora, a caça imitada deve abater o mamute de antemão, e tais ritos são de tão vital importância para os envolvidos, são tão “ofício” quanto o trabalho apropriado do solo ou a fabricação de ferramentas e armas. E a magia imitativa é inicialmente praticada como medida de dominação da natureza exatamente como os atos de colecionar, caçar e arar. A força sobre a qual ela repousa se chama semelhança. (Christoph Türcke, Sociedade Excitada, 2010).

Seria a memética um novo campo disciplinar? Qual seria seu substrato? Em que medida esse novo campo permitiria uma visão alternativa sobre conceitos como os de inteligência, representação e imaginação? Que pontos de convergência e divergência teria em relação à “transmissão” cultural? Seriam, de fato, os sujeitos, segundo os pressupostos de Blackmore (1999) e Dennett (1991), meros hospedeiros da transmissão cultural ou teriam participação ativa nesse processo? Mais: que significado teriam, nesse contexto, noções como as de ideologia, senso comum, representações sociais e criatividade? Tais questões, ao mesmo tempo em que mobilizam inquietações genuínas diante dos pressupostos da memética — em que se supõe a transmissão cultural por meio da disputa por espaços (mentes), visando à adaptação e replicação de memes —, são exemplos da diversidade de perspectivas que se abrem nesse campo embrionário de investigação.

Neste ensaio, abordaremos os aspectos relativos à “transmissão” cultural, tomando como referência a própria noção de origem da cultura (Türcke, 2010), bem como o papel do sujeito e dos condicionantes externos vinculados à sua transmissão

(Lahire, 1997; 2017). Nesse sentido, buscaremos problematizar a memética enquanto campo autônomo vinculado à transmissão da cultura, a partir dos elementos presentes nessas teorias. Assim, tomando como exemplo esta passagem de Dawkins, autor de *O gene egoísta* (obra seminal da qual teria surgido a própria teoria memética), quando afirma que “se a ideia pegar, pode-se dizer que ela propaga a si mesma” (Dawkins, 2010, p. 339), temos uma primeira aporia sobre o que pode vir a ser esse “pegar” ao qual ele se refere. O que pode ser aquilo que “pega” ou “deixa de pegar”? De que tipo de processo cognitivo estamos falando?

Aqui, percebemos uma aproximação dessa noção com a ideia de “fixação” ou “retenção”, como a dimensão que dá sustentação à própria origem da noção de cultura (cf. Türrcke, 2016) — assunto que abordaremos, ainda que de modo introdutório, ao longo deste ensaio.

Partimos da premissa de que a memética se constitui como um campo científico em construção. Nela, parte-se do seguinte pressuposto: de modo análogo à teoria evolucionista de Darwin, a memética — disciplina desenvolvida a partir do conceito de “meme”, por Richard Dawkins — pressupõe que a transmissão cultural consiste na disputa por espaços (mentes) para que ocorra a adaptação e replicação de memes. Contudo, para autores como Blackmore (1999) e Dennett (1991), os sujeitos não participariam de modo ativo no processo de replicação, restringindo-se à condição de meros hospedeiros. A evolução cultural, desse modo, seria o resultado de um algoritmo. Nesse sentido, a teoria apresenta diversas questões e lacunas ainda em aberto, como o papel da criatividade ou a importância da origem e do desenvolvimento da própria noção de cultura, ou ainda da própria substância da noção de meme, merecendo, assim, um exame de maior profundidade sobre o assunto.

A partir da apresentação crítica dos fundamentos da memética em face do desenvolvimento da cultura, daremos sequência ao estudo a partir de noções centrais, como “cultura” e “transmissão cultural”, com base na filosofia da sensação de Christoph Türrcke (2010, 2016) e na sociologia de Bernard Lahire (1997, 2017), no sentido de verificar se a memética, ao deslocar o sujeito para o papel de coadjuvante, em face do protagonismo replicador dos memes (perspectiva do meme), não estaria negligenciando aspectos basais acerca da constituição da própria cultura, além de nivelar ou reduzir a cultura ao seu aspecto mecânico — deixando de lado, por exemplo, estruturas culturais complexas, às quais se devem atrelar dimensões estéticas, subjetivas e religiosas, entre outras, ou os processos finos, aos quais se

deve incluir o papel ativo dos sujeitos, relativos à transmissão cultural.

Como boa parte das respostas a essas perguntas permanece em aberto, é natural a interlocução com outros caminhos interpretativos das questões fundamentais da temática. Nesse sentido, acreditamos que a explicação que Christoph Türcke dá à noção de cultura — como um derivativo da “compulsão à repetição” — pode servir como um bom expediente para a construção de respostas mais sólidas diante dos problemas fundamentais da memética. Na mesma linha, a microsociologia de Bernard Lahire parece imprimir um sólido contrapeso à aparente inércia do papel do sujeito nos pressupostos da memética.

1.2 Memética: problemas fundamentais de um campo em construção

Enquanto campo de pesquisa, a memética desenvolve a ideia que Richard Dawkins apresentou tangencialmente no último capítulo da obra *O Gene Egoísta*, de 1976, em que destaca a capacidade replicadora do gene em uma perspectiva evolucionista. Trata-se, em outras palavras, da utilização de modelos biológicos para a explicação da cultura. A ideia central do biólogo é a de que os seres vivos são como máquinas de sobrevivência a partir de replicadores biológicos, independentes das questões do mundo externo ao sujeito. Segundo o biólogo, ideia semelhante poderia ser empregada também na dimensão cultural, na versão de um replicador cultural que ele chama de “meme”. De acordo com o biólogo:

(...) exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas do vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico, saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes, saltando de cérebro para cérebro, através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação. Se um cientista ouve falar ou lê sobre uma boa ideia, transmite-a aos seus colegas e alunos. Ele a menciona nos seus artigos e nas suas palestras. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela propaga a si mesma, espalhando-se de cérebro para cérebro (Dawkins, 2010, p. 339).

Esta é a ideia seminal que vem dando sustentação ao campo da memética e inspirando diversos pesquisadores a destrinchar os problemas que emergem dessa sistematização. Trata-se de um campo recente que tem chamado a atenção de pesquisadores para os diversos fenômenos que dele se depreendem, como o debate acerca de seu estatuto genérico (Lima-Neto, 2020), o impacto dos memes no debate

e na formação de opinião política (Chagas et al., 2017), problemas vinculados à própria fundamentação da memética (Leal-Toledo, 2013) e a duração dos memes no ambiente digital (Martino e Grohmann, 2017), dentre outros. Em que pese a manifestação viral de memes nos ambientes digitais e seu impacto no âmbito das decisões políticas, o assunto tem despertado, mais recentemente, o interesse de autores como Byung-Chul Han, que tem dedicado análises ao poder de mobilização de afetos por meio dos memes e à sua influência no campo político. Segundo o filósofo:

A guerra dos memes indica que a comunicação digital privilegia cada vez mais o visual perante o textual. Imagens são, justamente, mais rápidas do que textos. Nem o discurso, nem a verdade, são virais. A visualização intensificada da comunicação impede ainda mais o discurso democrático, pois imagens não argumentam ou fundamentam (Han, 2022, p. 45).

Han chama a atenção para a substituição da cultura livresca — menção crucial para uma crítica dos fundamentos que sedimentam a memética, em razão da complexidade inerente à leitura, essencial para a democracia — pela cultura digital, em que predominam as imagens sobre os textos e os discursos e, especialmente, pela replicação de *fake news*, sem qualquer compromisso com a ciência ou a verdade. A partir da noção fundamental que pretende dar uma explicação ao processo de disseminação de ideias ou comportamentos — processo também conhecido como “transmissão cultural” —, emergem diversos questionamentos acerca da fundamentação da própria memética enquanto área do conhecimento preocupada em encaminhar uma resposta ao problema.

Assim, algumas questões emergem da fundamentação da memética: a) qual é a relação entre o poder de viralização e a duração dos memes nas representações sociais?; b) o que podemos afirmar acerca da relação entre replicação e representação?; e c) qual seria a materialidade do meme (teria ele substrato)? Leal-Toledo (2013) enumera, ainda, as seguintes questões acerca da memética: “Que tipo de ciência? Teria base empírica ou seria apenas uma análise conceitual? Qual seria a relação entre a memética e as demais áreas das ciências humanas?” (Leal-Toledo, 2013).

Até aqui, o meme tem sido entendido como unidade cultural. Susan Blackmore defende que os memes, ao contrário de “criações” ou “informações”, seriam “instruções” destinadas a realizar comportamentos que se armazenam nos cérebros

e são transmitidas via imitação. Os memes, nesse sentido, encontram o seu espaço ideal nas mentes. Segundo essa teoria, inspirada na genética, os memes são passados de pessoa para pessoa por meio de replicadores. Com efeito, os sujeitos teriam um papel passivo diante do material simbólico que é transmitido por imitação ou outras formas de aprendizagem social. Os memes, assim, assegurariam sua existência e continuidade a partir de processos adaptativos no ambiente, de modo análogo à teoria da evolução de Charles Darwin. Outra questão ainda em aberto no campo da memética consiste no problema da substância dos memes. Estariam eles exclusivamente localizados nas mentes ou em outros suportes materiais, como livros, CDs, pinturas, imagens etc.?

Segundo Dennett:

O estoque de mentes é limitado, e cada mente tem uma capacidade limitada de memes; portanto, há uma forte competição entre os memes pelo maior número de mentes possível. Essa competição é a principal força seletiva na atmosfera (Dennett, 1991, p. 206).

Os memes possuiriam processos de variação que podem ou não ser adaptativos. Nesse sentido, quanto mais adaptado for um meme, maiores serão as chances de haver variação e, portanto, evolução. Acerca da variação, é crucial que conceitos como os de representação e criatividade passem por uma revisão exaustiva, evitando-se, assim, que se caia em um falso ineditismo. Quanto à dimensão adaptativa dos memes, convém uma reflexão sobre o sentido de “pegar”, sugerido por Dawkins (2010).

Há, sem dúvida, uma aproximação entre “pegar” e a noção de “fixar”, de Türrcke. Para o filósofo alemão, a fixação possui uma relação íntima com a própria origem da cultura. É em razão desse complexo processo de fixação, atrelado aos rituais de sacrifício como mecanismos de legítima defesa contra o terror natural, que teria se iniciado a cultura. Segundo Türrcke: “Buscava-se a redenção, encontrou-se a cultura” (Türrcke, 2016, p. 23). E, ainda:

A compulsão à repetição traumática, literalmente, naufragou na cultura. Segue vivendo em seu bojo como um resto não satisfeito, como um esporádico desmancha-prazeres, um patológico resíduo de antanho — num meio que consiste em seus sedimentos. Ela própria é terrível, seus sedimentos são preciosos (Türrcke, 2016, p. 25).

Porque a fixação é o que permite explicar o próprio desenvolvimento da cultura e o nascimento do *Homo sapiens*, seria, ao menos, uma coincidência concluir que sua

característica primordial seria também aquela que lhe permitiria seu desenvolvimento e desdobramento. A “fabricação” de uma ideia, de uma estrutura simbólica qualquer, encontrar-se-ia na antessala da repetição, embora seu resultado culminasse na criação. O problema da “transmissão”, seguindo a sugestão de Dawkins, não parece, portanto, satisfazer nem o modo pelo qual a cultura se multiplica, nem seus processos de diferenciação.

A questão central desta investigação diz respeito ao aspecto replicador do meme e à capacidade humana de representação — entendida como o fato de tornar presente algo que esteve no passado — como fundamento da cultura (Türcke, 2010; 2016). A questão reside no hiato entre a capacidade replicadora e aquela relativa à representação. O aspecto crucial, aqui, consistiria em admitir que nossa capacidade primordial seria, em primeiro lugar, a de replicadores, e não a de criadores de representações. É justamente a afinidade da ideia central da memética com o conceito freudiano de “compulsão à repetição”, desenvolvido na obra *Além do princípio do prazer* (1920) e retomado por Türcke em *Sociedade Excitada* (2010), o principal aspecto que pode contribuir para a construção de respostas mais efetivas às questões problemáticas da memética.

2 OS MEMES E A CULTURA: TRANSMISSÃO CULTURAL E O PAPEL DO SUJEITO

Em um exercício de aplicação da teoria ao campo científico, poderíamos pensar no conceito de “ciência normal”, desenvolvido por Thomas Kuhn na obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Segundo o autor, “ciência normal” seria o paradigma dominante de um determinado campo científico, constituído por pontos de aproximação e consensos entre a maior parte dos pesquisadores. Ao longo de um período, tal paradigma seria ratificado pela comunidade científica por meio do amplo debate e da “limpeza do paradigma”. Somente depois de um longo período tal paradigma, a partir de variações internas — fraquezas, lacunas, inconsistências, anomalias —, orientaria a pesquisa para um processo revolucionário em busca de um novo paradigma a ser desenvolvido. Aplicada a este exemplo, a atividade memética de replicação simples seria análoga à noção de ciência normal, em um processo de variações sucessivas e ininterruptas até o estabelecimento de um novo meme, um novo paradigma. Contudo, aqui, o papel do sujeito estaria restrito ao seu aparato

cognitivo. O sujeito não passaria de um suporte, por meio do cérebro, que seria objeto de disputa na competição entre memes.

No entanto, no entendimento de Leal-Toledo (2013), haveria uma predileção por certos memes em detrimento de outros. Essa suposição entraria em choque com o pressuposto-chave da perspectiva do meme, “de que os memes, assim como os genes, querem ser passados, e não as pessoas que os querem passar” (Leal-Toledo, 2013, p. 197).

Acerca da transmissão e do caráter passivo do destinatário, Bourdieu observa que:

A parte mais importante e mais ativa (escolarmente) da herança cultural, quer se trate da cultura livresca ou da língua, transmite-se de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer ação manifesta, o que contribuiu para reforçar, nos membros da classe culta, a convicção de que eles só devem aos seus dons esses conhecimentos, essas aptidões e essas atitudes, que, desse modo, não lhes parecem resultar de uma aprendizagem (Bourdieu, 2008, p. 46).

Segundo Leal-Toledo (2020), “memes não seriam como vírus que são passados entre indivíduos; eles seriam continuamente feitos, desfeitos e refeitos durante a comunicação” (Leal-Toledo, 2020, p. 281). Na mesma esteira de Sperber, a cultura seria, aqui, reproduzida sucessivas vezes — argumento que encontra seu correspondente na sociologia de Bernard Lahire, ao afirmar que:

Falar de transmissão é, também, conceber a ação unilateral de um remetente a um destinatário, uma vez que o destinatário contribui sempre para construir a mensagem que lhe foi supostamente transmitida. Ele deve dar sentido à relação social que estabelece com aquele que o ajuda a construir saberes e com seus recursos próprios, construídos ao longo de experiências anteriores (Lahire, 2017, p. 318).

E, ainda:

No caso de transmissão de um patrimônio material, o objeto X passa do doador ao beneficiário (um herdeiro, por exemplo) sem que X seja modificado pelo procedimento de transmissão (ou de herança). Mas ocorre o mesmo em matéria de cultura, de disposições sociais, de maneiras de ver, de sentir, de agir e de esquemas mentais e comportamentais? Pode-se dizer que o saber ou a cultura passa dos adultos às crianças como o patrimônio material passa de A a B? O sociólogo da educação e da cultura deveria se satisfazer com essa metáfora da transmissão ou passagem, ou inventar uma linguagem adequada para a descrição desses fenômenos? (Lahire, 2017, p. 317).

A posição do sociólogo é, portanto, crítica em face do entendimento passivo da noção de transmissão, justamente porque ela negligencia os processos finos responsáveis pela recepção e transformação de determinado capital cultural. Assim, o papel do sujeito nesse processo não apenas é indispensável, como constitui condição *sine qua non* para que a transmissão se efetive. A memética, enquanto campo autônomo da transmissão de conhecimentos em que o papel do sujeito é o de mero suporte, coincide com a concepção bancária criticada por Paulo Freire, que denuncia o papel passivo do aluno como simples receptor de um conhecimento definitivo.

A questão de como se produzem novas representações e como se produzem novos objetos culturais é crucial para o entendimento do funcionamento da memética como campo em que se dá essa pretensão. Segundo Sperber, representações culturais internalizadas são fundamentais para o surgimento de novas representações. Trata-se de uma questão central que não pode ser ignorada, como parece tê-lo feito Blackmore, mais preocupada em trazer ao primeiro plano a mecânica da replicação do que o processo da “transmissão cultural” propriamente dito. Embora a teoria de Blackmore talvez não dê conta de explicar o funcionamento integral da mente em relação à cultura e à criação de novas representações — especialmente ao excluir a centralidade do sujeito na transmissão cultural —, parece que sua teoria fornece elementos importantes, que não devem ser desprezados, para a compreensão do funcionamento da ideologia ou de um tipo de conhecimento situado em um plano pré-reflexivo, ainda não configurado como razão crítica.

Nesse sentido, caberia uma indagação acerca do papel da crítica — bem como de sua falência em face das tecnologias e de seu amplo poder de dessubjetivação — como um movimento que se desvia do pensamento corrente e, conseqüentemente, da ideologia. Enquanto a elaboração crítica demandaria um trabalho de apropriação em que o papel do sujeito ocuparia inevitavelmente uma posição de protagonismo, na mera replicação memética por adaptação o sujeito nada teria a fazer, bastando acompanhar o fluxo ideológico de seu conteúdo. Os humanos, nesse entendimento, seriam meros receptores (hospedeiros) de instruções armazenadas em seus cérebros. As mentes seriam, assim, repositórios mais ou menos suscetíveis às adaptações dos memes que nelas se instalariam para, a partir daí, serem replicados a outras mentes.

Nesse sentido, podemos admitir que a cultura possui a estrutura da compulsão

à repetição, embora seus desdobramentos sejam aquilo que denominamos criação. Estaria, portanto, igualmente equivocada a sugestão proposta por Blackmore (1999), segundo a qual a noção de inteligência poderia ser substituída pela de replicação. Nesse argumento estaria implícita a substituição do princípio pela finalidade; seria como confundir a fisiologia muscular de uma perna, reduzindo seu movimento a uma única forma de expressão, a um mesmo gesto motor — um erro de nivelamento, por assim dizer.

Há, assim, uma relação entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais que precisa ser esmiuçada, no sentido de produzir um nível de resposta menos evasivo acerca de categorias como representação, inteligência, criatividade e ideologia, visando à validade do projeto científico da memética. Sem o esforço reflexivo de conexão entre aquilo que motiva a cultura e os seus resultados, a descrição de como se processa sua “transmissão” pode não passar de uma leitura superficial do fenômeno. O próprio termo “transmissão” torna-se problemático em razão das relações sucessivas que se estabelecem entre o legado cultural e o sujeito. Segundo Lahire (1997):

Se tomamos o cuidado (...) de colocar os termos “transmitir” ou “transmissão” entre aspas, é porque eles remetem, frequentemente, à ideia de uma reprodução idêntica (“modelo a ser imitado”) de uma disposição (ou de um esquema) mental e levam, antes, a pensar em situações formais de ensino nas quais um saber está explicitamente em jogo. (...) Falar de “transmissão” é, principalmente, conceber a ação unilateral de um destinador para um destinatário, ao passo que o destinatário sempre contribui para construir a “mensagem” que se considera ter-lhe sido “transmitida”. Ele tem de atribuir-lhe sentido na relação social que mantém com aquele que o está ajudando a construir seus conhecimentos e com seus próprios recursos, construídos no curso de experiências anteriores (Lahire, 1997, p. 340-341).

É assim que, segundo esse sociólogo, a noção de uma mera “passagem” de conhecimentos não faz sentido, uma vez que seus estudos o levaram a identificar inúmeros processos minuciosos que tornam possível uma “construção” lenta, gradual e laboriosa da herança cultural. Nesse sentido, rever o que pode vir a ser a memética enquanto campo de replicação de ideias culturalmente construídas deve constituir uma tarefa inexorável para o desenvolvimento do campo.

2.1 O que é um meme?

Percebe-se uma flagrante dificuldade em visualizar do que seria constituído um meme, se teria ele um substrato propriamente dito. Se admitirmos ser o meme uma instrução, uma informação ou o que quer que seja, ele somente será constatado, de modo teleológico, por meio da incorporação de um comportamento ou uma ideia. Mas parece que falar em predileção diante de uma condição de passividade do sujeito no processo da evolução memética não parece adequado. O que parece estar em questão não é a predileção, mas a característica do meme. Uma resposta ainda em aberto na memética diz respeito à substância do meme: o que ele seria enquanto unidade cultural. Neste ponto, o campo sugere uma reflexão mais aprofundada acerca da caracterização dos memes. Em uma rápida observação, diríamos que os memes podem ser divididos em pelo menos duas categorias hipotéticas:

Quadro 1 - Esquema hipotético de distinção memética

Memes Leves (suporte emocional)	Memes Densos (suporte racional)
De fácil aderência às mentes (aprendizagem por cópia ou imitação simples. Disseminação (viralização) rápida). Exemplos: memes que privilegiam imagens, com pouco uso de instrução livresca. Papel do sujeito: passivo	De difícil aderência (aprendizagem por exercício intelectual árduo. Disseminação lenta, difícil, laboriosa) Exemplos: linguagem matemática, conceitos, interpretação literária ou filosófica etc. Papel do sujeito: ativo

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

O Quadro 1 apresenta uma primeira hipótese acerca da necessidade de distinção de tipos de memes. Na primeira coluna, constam os Memes leves ou aqueles que se aderem facilmente às mentes devido à sua simplicidade e apelo emocional. Eles são rapidamente assimilados e disseminados, frequentemente através de cópia ou imitação simples. A viralização destes memes é rápida e ocorre principalmente nas mídias sociais, onde imagens e vídeos curtos, com pouco uso de instrução livresca, predominam. Exemplos típicos incluem memes de internet que utilizam imagens engraçadas ou emocionais, frases de impacto e conteúdos que provocam reações imediatas. O papel do sujeito em relação aos memes leves é geralmente passivo, uma vez que a absorção desses memes não exige esforço intelectual significativo.

Em contraste, memes densos são aqueles que têm uma aderência mais difícil e exigem um esforço intelectual árduo para serem assimilados. A disseminação desses memes é lenta e laboriosa, pois envolve aprendizagem por meio de exercício

intelectual aprofundado. Exemplos de memes densos incluem a linguagem matemática, conceitos científicos complexos, e interpretações literárias ou filosóficas. Nesses casos, o papel do sujeito é ativo, demandando análise crítica, compreensão aprofundada e, muitas vezes, prática contínua para internalizar o conteúdo. A disseminação de memes densos ocorre tipicamente em ambientes acadêmicos ou através de estudos intensivos, refletindo a necessidade de um envolvimento cognitivo profundo.

2.2 O lugar da criatividade na memética

A principal crítica à memética é a do sujeito livre na evolução cultural, isto é, a ideia de que o sujeito não teria participação ativa na evolução da cultura. Isso porque o que a memética leva em conta é apenas o caráter replicador da cultura, e não seu potencial criativo, simbólico e sagrado. A existência de um indivíduo sem restrições, capaz de fazer escolhas livremente, é uma ideia poderosa, mas que, para a memética, pode não fazer muito sentido. Segundo Pinker, esse “eu” poderia não passar de uma ilusão produzida pelo cérebro. Porém, como questiona Leal-Toledo (2013), se não há sujeito, quem cria novos memes? Seria a criação produto direto da seleção memética? Se for assim, então como explicar a recorrência de ideias concatenadas ao longo de um período suficientemente longo para a criação de objetos complexos, como romances, murais e outros objetos artísticos ou intelectuais, como livros de não ficção? Pensar o desenvolvimento da própria cultura como fruto de coincidências recorrentes não seria absurdo? O que teriam de especial mentes que, não contentes com uma só área, dedicam-se ao desenvolvimento estético e intelectual de outras, como os polímatas¹? Seriam eles suportes de tipo ideal para a replicação por memes? Para Blackmore (1999):

Ao invés de pensar em nossas ideias como nossas criações, e como coisas que trabalham para nós, temos que pensar nelas como memes autônomos egoístas, que trabalham apenas no sentido de serem copiados. (Blackmore, 1999, p. 8).

Essa ideia parece desprezar a capacidade de representação como aquilo que efetivamente distinguiu, no decurso histórico, os homens de seus primatas antecessores. Trata-se de uma concepção mecânica da cultura que abre margem para que questionemos, por exemplo, o poder de penetração ou absorção de alguns memes em determinadas mentes e não em outras. A predileção, nesse caso, seria

dos memes ou dos sujeitos? A memética, enquanto campo científico em construção, toma como objeto de estudo a cultura. Leal-Toledo (2013) chama a atenção para a ausência de uma base empírica que poderia dar sustentação à memética, destacando o papel da propaganda como área que poderia suprir essa demanda: “a memética já poderia encontrar aí uma primeira base empírica de suas previsões com a qual trabalhar” (Leal-Toledo, 2013, p. 205).

A memética visa aplicar modelos matemáticos, computacionais e conceituais da biologia ao estudo da cultura (gene/meme). Blackmore parte da suposição de que a teoria de Darwin não apenas seria a melhor teoria da evolução da vida, mas a melhor teoria da vida em qualquer lugar do universo (Pinker, 2006, p. 132). Contudo, a exposição desse argumento parece sinalizar uma justificativa pelo caráter analógico que a teoria estabelece com a evolução biológica, como se o poder explicativo desta fosse, de antemão, forte o suficiente para acolher, de modo seguro, o projeto científico da memética.

A criatividade, segundo Leal-Toledo (2020), dar-se-ia por meio de uma recombinação de memes, dando origem a novos memes. Dessa forma, uma pessoa que apresentasse diversos processos semelhantes seria o “gênio”. Assim, o “gênio” seria o resultado de uma “fortuita coincidência de fatores contingentes” (Leal-Toledo, 2020). Entre o Picasso 1 e o Picasso 2, não haveria qualquer esforço do artista por rever pressupostos estéticos mais adequados à sua época. A própria mente, por rearranjos algorítmicos de memes, estaria nos bastidores formulando o que ficaria conhecido como cubismo. Uma lógica da qual se depreende, por assim dizer, a morte do autor.

A perspectiva memética, portanto, ao admitir que o meme se dá por meio de processos criativos cegos, ratifica a existência de uma camada superior que paira na superfície das mentes, como uma “atmosfera” em busca de mentes suscetíveis à colonização. Isso reforçaria o paradigma da IA (inteligência artificial) como preponderante sobre o sujeito e sobre a capacidade humana de representação. A noção de Dennett de que a evolução consistiria em um algoritmo (Leal-Toledo) seria o argumento fundamental no qual a memética se apoiaria.

2.3 Desdobramentos epistemológicos da memética

É verdade que, de tempos em tempos, todo um conjunto de ideias, conceitos, representações e temas adquirem tamanha força de aderência que, de fato, atuam como dispositivos diretos da construção de uma nova mentalidade, de uma nova cognição. De repente, em razão de alguns meses ou anos, palavras pouco frequentes se tornam correntes, passando a compor a paisagem discursiva de modo bastante efetivo. Exemplo disso encontra-se no pensamento de Lynn Hunt, ao defender a tese de que os direitos humanos teriam sido “inventados” a partir da cultura impressa, sobretudo pela circulação massiva de romances, panfletos e textos políticos que mobilizaram emoções, empatia e identificação entre leitores. Nesse sentido, as ideias não se disseminam apenas por sua coerência racional, mas por sua capacidade de se replicarem culturalmente, operando como verdadeiros vetores simbólicos que reorganizam sensibilidades, afetos e percepções do mundo social. A força ideológica dos direitos humanos, tal como analisada por Hunt, reside justamente nessa capacidade de se tornarem socialmente transmissíveis, naturalizadas e compartilhadas, funcionando como uma espécie de matriz memética que, ao se difundir, transforma gradualmente as condições de possibilidade do pensamento político e moral em determinada época histórica. Entretanto, percebe-se, sem o “trabalho” de decifração textual decorrente da fruição literária, tal estado de coisas não teria força suficiente para desenvolver um tipo específico de cognição. Aqui, há um ponto que merece destaque. A premissa epistemológica da memética é a de não haver atrito ou fricção entre o homem e a cultura. O funcionamento da transmissão cultural dar-se-ia de modo automático, apenas pela replicação de unidades culturais, a partir de suportes mais ou menos aderentes para a adaptação e replicação de tais unidades. Entretanto, tal característica não parece consistir em uma formulação efetivamente revolucionária acerca do funcionamento da cultura, mas apenas de colocar-se na contramão da noção de atrito, isto é, contrário à ideia de repetição traumática (Freud, 2011; Türcke, 2010), como estrutura seminal para o nascimento da cultura. E vai além: a ideia de que o fundamento da cultura prescindiria do protagonismo humano, relegando a este apenas um papel de hospedeiro de uma estrutura simbólica viral e submetendo-o, fatalmente, a uma posição delicada em face da própria herança cultural arqueológica, cujo ponto de origem é justamente a pedra lascada, como produto cultural decorrente da repetição, do atrito, da fricção.

Deste modo, a dimensão subjacente da memética como um novo campo epistemológico parece mais ajustada à ideologia do Vale do Silício, cujo objetivo reside justamente na ideia de supressão da fricção. Em *Frictionlessness: The Silicon Valley Philosophy of Seamless Technology and the Aesthetic Value of Imperfection*, de Jakko Kemper (2024), o termo “sem fricção” pode ser entendido como a interface direta, sem rodeios e obstáculos, entre o usuário e o ambiente digital. A expressão originou-se no discurso comercial/tecnológico nos anos 1990 a partir do conceito de “frictionless capitalism” (capitalismo sem fricção), concebendo a ideia de que, explorando o potencial da internet, as informações sobre produtos, autenticação, transações financeiras e comerciais se tornariam mais diretas.

Kemper (2024) problematiza o conceito criticando o caráter aparentemente inofensivo da frictionlessness (ausência de fricção), chamando a atenção para o fato deste conceito, uma vez integrado ao design, orienta-se para servir aos interesses ideológicos e econômicos do Vale do Silício. Para ele, a frictionlessness consiste em uma filosofia de design orientada à perfeição. Nela, a lógica estética carrega uma diversidade de efeitos tóxicos em sua natureza, enquanto, aparentemente, mostra-se “limpa”, em estado de perfeição. Neste cenário, a estética da reação imediata substitui o juízo reflexivo. A economia memética — baseada na viralidade, na colagem e na replicação acrítica — instaura uma cultura antidialética, onde o pensamento já não amadurece: reverbera. E é nesse ponto que tal objeto assume seu tom mais inquietante: a democracia, também ela, passa a existir como forma vazia, como reflexo — uma democracia espelhada.

Neste sentido, não podemos deixar de mencionar outros aspectos igualmente problemáticos, merecendo que investigações futuras possam debruçar-se sobre eles: I) relação entre a memética e o fim da dialética; II) a memética como ideologia alinhada à filosofia do Vale do Silício; III) a memética como dispositivo político e as consequências sobre as democracias.

A relação entre a memética e o possível esvaziamento da dialética constitui um primeiro eixo analítico incontornável. Ao operar segundo a lógica da replicação rápida, da adesão imediata e da circulação acrítica, a memética parece deslocar o conflito, a contradição e a negatividade — elementos centrais da tradição dialética — em favor de uma dinâmica de eco e repetição. Nesse regime, ideias não se confrontam, mas se amplificam; não se negam, mas se acumulam; não se superam, mas se reiteram. O resultado é uma temporalidade cultural marcada pela aceleração e pela

simultaneidade, na qual o pensamento perde espessura histórica e capacidade de mediação. A dialética, entendida como trabalho do conceito que atravessa o atrito, a demora e a contradição, dá lugar a um circuito curto de reconhecimento e pertencimento simbólico, no qual o dissenso tende a ser neutralizado pela lógica da viralidade.

Um segundo aspecto diz respeito à memética enquanto ideologia profundamente alinhada à filosofia do Vale do Silício. Longe de constituir apenas um modelo descritivo da circulação cultural, a memética parece compartilhar pressupostos fundamentais com o imaginário tecnolibertário e com a estética da frictionlessness: a crença na auto-organização dos sistemas, a minimização da agência humana e a valorização da eficiência, da fluidez e da escalabilidade. Nesse horizonte, a cultura passa a ser pensada como um ecossistema informacional que se autorregula, dispensando mediações éticas, políticas ou pedagógicas. Tal concepção não apenas naturaliza a supressão da fricção, como também legitima um modelo de racionalidade instrumental que transforma a imperfeição, a opacidade e a resistência — elementos constitutivos da experiência cultural — em ruídos a serem eliminados pelo design, pelo algoritmo e pela automação.

Por fim, a memética como dispositivo político impõe questões particularmente sensíveis às democracias contemporâneas. Quando o debate público se organiza predominantemente segundo critérios de replicabilidade, impacto afetivo e capacidade de engajamento imediato, a deliberação racional e o juízo reflexivo tendem a ser substituídos por dinâmicas de contágio emocional. Nesse cenário, a política deixa de operar como espaço de argumentação e construção coletiva de sentido, convertendo-se em arena de performatividade simbólica, onde slogans, imagens e memes funcionam como unidades mínimas de persuasão. A democracia, assim, corre o risco de reduzir-se a uma forma procedimental esvaziada, sustentada mais pela circulação de signos do que pela participação crítica dos sujeitos.

Em conjunto, esses três eixos indicam que a memética não pode ser tratada apenas como uma teoria neutra da cultura digital, mas como um campo atravessado por disputas epistemológicas, estéticas e políticas. O desafio que se impõe às pesquisas futuras consiste em reinscrever a fricção, a negatividade e a mediação no centro da reflexão sobre a cultura contemporânea, recolocando o humano — com sua capacidade de sofrer, interpretar, resistir e elaborar — como protagonista do processo cultural, e não como simples hospedeiro de fluxos simbólicos virais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compulsão à repetição constitui a instância do desenvolvimento humano que dá sustentação ao sacrifício e, por conseguinte, à origem da cultura. Trata-se de uma espécie de resposta destinada a assegurar certo controle e domínio sobre o aterrorizante. A memória teria surgido, segundo Türrcke, da tentativa extenuante de esquecer. A cultura, por sua vez, seria o resultado da compulsão à repetição já em estado interpretativo e simbólico. Repetir o terror por meio do sacrifício, a fim de produzir uma descarga sobre o terror real, configuraria o ponto inicial da cultura.

Os seres humanos são reincidentes (Türrcke, 2016, p. 16) e só o são precisamente por essa reincidência. Esse estágio de desenvolvimento teria sido, muito provavelmente, o que marcou a passagem entre macacos e homens. A característica central do ritual — a mesma que se desdobraria ao longo da história da cultura — consistiria na fixação do sacrifício por meio de práticas rituais cuja finalidade é produzir uma descarga.

Segundo Türrcke, a compulsão à repetição configura-se como um fenômeno de legítima defesa: a reprodução, por meio da imitação ou da representação, daquilo que aterroriza, com o objetivo de produzir alívio, redenção — realizar o horrível para se livrar do horrível (Türrcke, 2016, p. 19). Ainda segundo o autor, esse estágio produziu — ou ao menos permitiu alcançar — o espaço humano da imaginação, “um espaço interior imaginário sem qualquer dilatação física mensurável: um espaço metafísico de fuga, também chamado de espaço mental” (Türrcke, 2016, p. 20).

Para o filósofo, “fisiologicamente, a compulsão à repetição consiste apenas em duas coisas: repetição e repetido” (Türrcke, 2016, p. 21). Com efeito, a mera replicação não diz nada por si só; ela corresponde à viralização, à difusão. Somente quando há interpretação é que se pode falar propriamente em cultura. E a cultura, necessariamente, encontra sua gênese no sacrifício.

REFERÊNCIAS

BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda Alcântara; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, n. 38, p.

173-196, jan. 2017. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/63892>. Acesso em: 04 fev. 2026.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.

DENNETT, Daniel. **Consciousness explained**. Boston: Little, Brown and Company, 1991.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KEMPER, Jakko. **Frictionlessness**: the Silicon Valley philosophy of seamless technology and the aesthetic value of imperfection. New York: Bloomsbury Academic, 2024.

LAHIRE, Bernard. **Dossiê Bernard Lahire**. Ricardo Visser; Lília Junqueira (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Controvérsias meméticas**: o ultradarwinismo de Dawkins, Dennett e Blackmore. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Neurônios-espelho e o representacionalismo. **Revista Aurora**, v. 30, n. 22, p. 153-177, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/2242>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. **Revista Aurora**, v. 36, n. 25, p. 155-178, 2013a. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/685>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Em busca de uma fundamentação para a memética. **Trans/Form/Ação**, v. 36, n. 1, p. 187-210, 2013b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/ZDC38PhpMP5drhrTRFqRrSy/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 04 fev. de 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. O papel do sujeito na ciência dos memes. **Revista Fundamento**, v. 6, n. 1, p. 89-104, 2013c. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/virtualia-journal/article/view/3535>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Naturalizando o comportamento e a cultura. **Revista Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 231-243, 2014a. Disponível em: <https://cienciaeambiente.com.br/shared-files/1752/?231-243.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. O nascimento do homem e do meme. **Kalagatos**, v. 21, n. 11, p. 269-288, 2014b. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6105>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Antropologia e memética: um diálogo possível. In: MACHADO, Nivaldo (Org.). Do Homo sapiens ao robô sapiens. Rio do Sul: UNIDAVI, 2014c. p. 137-173.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Até onde vai o meme: o problema da unidade e o problema da ontologia. **Principia**, v. 20, n. 2, p. 239-254, 2016. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/LEAAOV>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Os memes e a memética: o uso de modelos biológicos na cultura**. São Paulo: FiloCzar, 2017.

SPERBER, Dan. **Explaining culture: a naturalistic approach**. Oxford: Blackwell, 1996.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

Recebido em: 23/07/2024

Aprovado em: 20/03/2025

Publicado em: 27/02/2026



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.